

Lyra e Arraes: históricos têm que deixar PMDB

Recife — O deputado e ex-ministro da Justiça Fernando Lyra expôs domingo à noite ao governador Miguel Arraes, durante conversa reservada de 5 horas que ambos tiveram na Praia de Porto de Galinhas, as razões pelas quais não acredita na sobrevivência política do PMDB como partido político, depois dos trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte.

Lyra não quis revelar qual foi a reação de Arraes aos seus argumentos, mas admitiu que o governador concorda "em parte" com a análise que fez sobre a luta interna que ora travam no partido o chamado Gru-

po Histórico, e o grupo Centro. Na opinião do ex-ministro, os históricos não têm outra alternativa a não ser a formação de uma nova legenda, de tendência centro-esquerdista, porque o centro constitui hoje a maioria do PMDB e não está interessado em abandoná-lo. E acrescentou:

— Nós não temos como conviver ao lado desse pessoal, que está retardando o trabalho da Constituinte, atravancando o processo de mudanças que a Nova República prometeu ao povo brasileiro, e, conseqüentemente, maculando a imagem do nosso partido — afirmou Fernando Lyra.

CORREIO BRAZILIENSE MUP considera novo partido inevitável

Um partido que não seja um gueto, mas que acolha em seu interior pensamentos de centro-esquerda. Que seja radicalmente democrático em suas decisões internas e que traga em seu programa um forte conteúdo social. Essa é a receita de partido que os integrantes do Movimento de Unidade Progressista do PMDB (MUP) está tentando colocar no forno desde que a crise partidária, ampliada com os trabalhos constituintes, fez o PMDB rachar ao meio, colocando de um lado os históricos e do outro o Centro. "Estamos esperando somente acontecer a reunião do Diretório Nacional, no próximo dia 3 de fevereiro, para saber quando agir", garantiu o deputado Octávio Elísio (PMDB-MG), um dos integrantes do MUP.

Segundo o deputado mineiro, a maioria dos inte-

grantes da articulação considera prioritária a criação de um novo partido, independente de eleições ainda este ano, por saber que o PMDB não cumprirá com o que ficou definido na última reunião dos históricos, ocorrida no dia 8 de janeiro. "A reunião do Diretório Nacional — disse ele — terá que decidir sobre o compromisso com o governo Sarney e colocar à disposição todos os cargos de confiança ocupados por peemedebistas. Mas como temos certeza de que o partido não assumirá essa posição, devemos considerar nossa saída". Octávio Elísio disse ainda que não adianta mais esconder a crise partidária instalada no seio do PMDB. "Vamos ter que decidir: ou os históricos ou o Centro. Com quem ficará o PMDB?".

PDT acha que nada perde com expulsão

O Diretório Nacional do PDT, em reunião extraordinária, realizada na última sexta-feira no Rio de Janeiro, optou pela expulsão de sua bancada dos dois deputados federais que, contrariando a decisão partidária de votar pelos quatro anos de mandato presidencial, assinaram a emenda do Centro, que confere cinco anos de mandato ao presidente José Sarney. Um deles, João de Deus Antunes (PDT-RS) alegou ter assinado a emenda só depois de ter ouvido suas bases — constituídas basicamente de membros da Assembleia de Deus. Feres Nader (PDT-RJ) disse ter agido assim por ser amigo pessoal do presidente e por lhe dever vários favores.

Segundo o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ), João de Deus entrou para o partido em 1985, indicado pela Assembleia de Deus, que resolveu votar com a legenda nas últimas eleições. "Com o transcorrer dos trabalhos constituintes fomos percebendo que as posições políticas dele eram todas de direita."

Feres Nader, segundo o deputado, também está há pouco tempo no PDT. Seu partido de origem era o PDS carioca. "Só aceitamos seu ingresso no PDT — contou Vivaldo Barbosa — depois que ele jurou que era trabalhista confesso". Para Vivaldo Barbosa, o partido não perde nada com a expulsão dos dois constituintes.